

A HERMENÊUTICA DA FATICIDADE NO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO

JANDIR SILVA DOS SANTOS

Filosofia. Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR)

jandirabm@hotmail.com

Resumo: O presente artigo apresenta a contribuição heideggeriana à fundamentação da ideia de hermenêutica filosófica, bem como o lugar da contribuição do niilismo nietzschiano na efetivação do caráter interpretativo do homem, enquanto ser que se encontra em um meio. Tendo em Nietzsche a crítica ao sistema tradicional da razão filosófica, Heidegger vai além, mostrando que, através da abordagem hermenêutica, é possível reconfigurar a ontologia, de modo que ela passe a tratar o ser não mais como uma objetualidade, mas como algo aberto à faticidade do existir. Desse modo, a hermenêutica torna-se uma característica essencial do existir humano, à medida que o fato de ser-no-mundo significa e é captado pelo ser em seu velar e desvelar-se.

73

Palavras-chave: Hermenêutica. Niilismo. Ontologia.

1 Introdução

Hermenêutica refere-se a uma atividade muito antiga do espírito humano. No período antigo e medieval, já se falava em hermenêutica. Porém, na contemporaneidade, essa atividade alcança um espaço maior no âmbito filosófico, de tal modo que hoje é possível concebê-la como uma das correntes da Filosofia contemporânea.

Apesar de se consagrar Hans-Georg Gadamer como o fundador da hermenêutica filosófica, tendo em vista sua obra *Verdade e método*, é notório que diversos pensadores contribuíram para a consolidação dessa atividade no interior da filosofia. Nesse processo de construção da hermenêutica encontra-se em Heidegger um dos pilares. Suas obras,

principalmente as iniciais, ao criticar a metafísica tradicional, apresenta a ideia de uma “hermenêutica da faticidade” como constituinte básico do *Dasein* enquanto ser-no-mundo.

A temática e a forma de abordar a história da filosofia demonstram que em Heidegger está latente a abordagem hermenêutica, mesmo não sendo ela o ponto fundamental do seu pensamento. Trazendo à luz as suas significativas contribuições à hermenêutica filosófica, apresenta-se a compreensão que o filósofo da Floresta Negra fornece à hermenêutica, dando enfoque, sobretudo, a sua obra *Ontologia: hermenêutica da faticidade*, recentemente traduzida entre nós.

2 O ponto de partida nietschiano da hermenêutica heideggeriana

Segundo Richard Palmer (1996, p. 23), tomando-se a raiz grega da palavra hermenêutica, pode-se, usualmente, traduzi-la “por ‘interpretar’”. Nesta definição encontra-se delineado o sentido clássico, bem como a tarefa da hermenêutica: apresentar as técnicas para a correta interpretação de um texto escrito.

Ao tratar de hermenêutica, contudo, Heidegger pensa algo muito maior. Não se trata mais de interpretar um texto. O filósofo alemão, partindo da proposta hermenêutica desenvolvida por Schleiermacher e Dilthey, aplica a hermenêutica à vida, ao existir¹.

Contudo é significativa a contribuição de Nietzsche para a fundamentação da hermenêutica enquanto atividade filosófica. A crítica niilista nietschiana é de tal modo fundamental que o filósofo italiano

¹ À essa virada na hermenêutica, encontra-se de modo mais elaborado em um artigo intitulado “Do texto à vida: o despontar da , hermenêutica na filosofia”. O referido artigo está publicado na *Revista Pandora Brasil*, n. 40, Março de 2012. p. 114-128, disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/filosofia_40/jandir.pdf>

Gianni Vattimo considera o niilismo como “destino” ou “vocação” da hermenêutica².

De fato, Nietzsche, em sua obra *Sobre verdade e mentira num sentido extra-moral*, defende, sobremaneira, que o conhecer humano é uma interpretação que este faz – enquanto sujeito – do seu meio. Segundo este filósofo, os conceitos que compõem o conhecimento humano nada mais são do que convenções ou metáforas que remetem à coisa, mas que não podem arrogar para si a “verdade” ou o “ser-em-si” do objeto de conhecimento. Em suas próprias palavras, temos:

[...] o conceito é um feito que nos pertence [...]. Subsumir o mundo inteiro em conceitos precisos significa tão-somente enfileirar as coisas particulares sob as formas de relação mais gerais e primordialmente humanas: a ser assim, os conceitos só atestam aquilo que introduzimos neles e que, mais tarde, procuramos novamente sob eles – o que, no fundo, também é uma tautologia (NIETZSCHE, 2007, p. 93).

A partir do texto supracitado Nietzsche evidencia que todo o conhecimento humano é uma metáfora. O homem nunca chega ao ser verdadeiro das coisas, mas ainda assim fala sobre, cria leis, estabelece uma conduta e, com essa compreensão prévia – meramente interpretação – cria a segurança em seu existir. Daí a máxima nietzschiana de que existe apenas interpretações: “Contra o positivismo, que permanece junto ao fenômeno afirmando ‘só há fatos’, eu diria: não, justamente fatos não há, há apenas interpretações” (NIETZSCHE *apud* CASA NOVA, 2001, p. 31). O homem interpreta o seu meio, cria as metáforas a fim de que elas lhe garantam a estabilidade em seu existir. Tal impulso fundamental, como afirma Nietzsche, é algo constitutivo da própria identidade do homem e ao qual ele não pode renunciar.

Tal impulso à formação de metáforas, esse impulso fundamental do homem, ao qual não se pode renunciar nem por um instante, já que,

² Cf. VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade* (2007) e *Para além da interpretação*(1999).

com isso, renunciar-se-ia ao próprio homem, não é em verdade, subjugado e minimamente domado pelo fato de um novo mundo firme e regular ter-lhe sido construído, qual uma fortificação, a partir de seus produtos volatilizados (NIETZSCHE, 2007, p. 46-47).

Esse espaço de construção da metáfora é, justamente, o espaço em que se pode pensar a hermenêutica em íntima relação como o viver, pois, na sua sede de verdade, o homem produz seus conceitos a partir de um solo, de uma perspectiva, isto é, a partir do modo como se posiciona diante do mundo que o circunda. Ele faz, portanto, uma interpretação à medida que efetua uma compreensão da realidade e de si mesmo.

Nietzsche, como foi dito acima, apresenta essa reflexão a fim de derrubar a pretensão filosófica e científica de construção da verdade no interior do positivismo. Sua intenção, e esse é o traço que liga seu pensamento àquele de Heidegger, é demonstrar que “a verdade dos fatos” encontra-se sobre base um tanto quanto delicada, à medida que os nossos conceitos ou as leis que formulamos são apenas “metáforas”, “representações”, mas nunca o ser-em-si da coisa.

A ligação com o pensamento nietzscheano e a reflexão heideggeriana estão vincadas a este caráter niilista da construção do conhecimento. Esta estrutura, aparentemente niilista da reflexão de Nietzsche, constitui o ponto de partida para a proposta compreensão hermenêutica de Heidegger.

3 A proposta de hermenêutica da faticidade na ontologia heideggeriana

Na esteira do pensamento de Nietzsche, fundado nesse niilismo cognitivo, Heidegger concluirá a insuficiência da metafísica clássica. Ele afirma o seu descontentamento com a ontologia tradicional e moderna porque ambas realizam uma objetualidade do ser. Por isso, o filósofo alemão se empenhará em descrever e caracterizar a ontologia a partir do seu objeto de estudo, ou seja, se ela deve ocupar-se do ente e das suas possibilidades, no transcorrer temporal, deve ter presente também a significatividade que

esses entes que se nos apresentam possuem. Desse modo, ele aponta, em seu livro *Ontologia: hermenêutica da faticidade*, para uma reconfiguração da ontologia. Esse opúsculo tem como uma das metas confirmar e não ignorar o caráter fático do ser.

Em termos de pressupostos é verdade, no interior da ontologia heideggeriana, que não podemos abordar o ser como um objeto de conhecimento possível de ser apreendido. Essa impossibilidade se refere ao fato de que ao fazermos isso transpomos para ele as nossas categorias e, portanto, esquecemos o ser. Tal postura reduz a possibilidade de compreensão da realidade ontológica.

A verdadeira ontologia, ao contrário, deve estar aberta à faticidade do ser, eis que a determinação do objeto da hermenêutica - o fático - está, agora, à base da interpretação e não mais suspensa e limitada à linguagem, metáfora ou conceitos que o homem cria para apreendê-lo.

Por facticidade, o autor entende “a designação para o caráter ontológico de ‘nosso’ ser-aí ‘próprio’ [...]. Esse ser-aí em cada ocasião” (HEIDEGGER, 2012, p. 13). Notemos que o ponto de partida não é mais a linguagem, em sentido estrito, mas o ‘fático’ enquanto constituído pela sua abertura, pela sua capacidade de estabelecer relação com o ontológico: “fático chama-se algo que ‘é’ articulando-se por si mesmo sobre um caráter ontológico, o qual é ‘desse modo’” (HEIDEGGER, 2012, p. 13).

Através dessa linha interpretativa, Heidegger defende que a ontologia deve compreender o ser não como uma estrutura fixa, objetual, que pode ser apreendida e esgotada. Diferente dessa abordagem da metafísica (tradicional), ancorada no ser enquanto estrutura significativa e condição de possibilidade para apreender os entes, o autor de *Ser e tempo* mostra que o ser que apreendemos é o ser que se apresenta a nós em sua ocasionalidade, em seu “encobrir-se e velar-se” (HEIDEGGER, 2012, p. 84), a partir de um horizonte de sentido que norteia o mundo e está circunscrito no tempo.

Heidegger chega a tais conclusões graças à fenomenologia. A fenomenologia, enquanto categoria temática, segundo a consideração do

filósofo, “possui a função de alertar criticamente a visão reconduzindo-a a desconstrução dos encobrimentos encontrados através da crítica” (HEIDEGGER, 2012, p. 84).

A fenomenologia constitui o “como” da pesquisa sobre o ser, ou seja, o modo como ela deve ocorrer. Diante dessas considerações, Heidegger argumentará que a hermenêutica é o caminho mais adequado de apreensão do ser fático, uma vez que ela se propõe seguir este caminho. Diferentemente do que Nietzsche havia afirmado contra o positivismo cognitivo-científico, o pensador da Floresta Negra, assume uma postura maleável, deslocando o centro da interpretação, logo da verdade, do sujeito para o horizonte interpretativo do ser buscado na rede de objetualidades:

[...] toda interpretação é uma interpretação em conformidade a ou em vista de algo. A posição prévia, a ser interpretada, deve ser buscada na rede de objetualidades. Deve afastar-se do que se encontra mais próximo no assunto que está em jogo para ir em direção ao que reside em seu fundo (HEIDEGGER, 2012, p. 84).

78

Essa postura da interpretação encaixa-se, adequadamente, em sua proposta ontológica. Se o ser não é uma estrutura fixa, atemporal, mas é fundamentalmente marcado pelo devir, o estudo ontológico precisa ir (retornar) às coisas mesmas, em seu hoje, em sua ocasião no exercício sempre renovado de buscar o ainda não mostrado, onde interpretar não é fixar os limites do objeto, mas descrever e “mostrar” aquilo que os entes revelam.

Nesse sentido, ele elucida o que se deve entender por hermenêutica: para ele a hermenêutica não é a ciência ou conjunto de regras da interpretação textual, tão pouco uma metodologia para as *ciências do espírito*, mas antes, refere-se à interpretação fenomenológica da própria existência humana.

Em suas palavras: “a hermenêutica tem como tarefa tornar acessível o ser-aí próprio em cada ocasião, em seu caráter ontológico do ser-aí mesmo, de comunicá-lo, tem como tarefa aclarar essa alienação de si mesmo de que

o ser-aí é atingido” (HEIDEGGER, 2012, p. 21). Ou seja, a hermenêutica da faticidade ocupa-se do ser-aí ocasional, tendo como tarefa “colocá-lo de tal maneira numa perspectiva compreensiva de modo que possam ser evidenciadas as características fundamentais de seu ser” (HEIDEGGER, 2012, p. 54).

Podemos afirmar que Heidegger inaugura o que se pode chamar de hermenêutica filosófica, uma vez que em seu pensamento a hermenêutica é mais do que uma preocupação epistemológica, pois torna-se o esforço compreensivo acerca do ser em vista do horizonte existencial do *Dasein*, no tempo.

O filósofo, portanto, relaciona, diretamente, em sua obra hermenêutica e ontologia, ao propor que a apreensão mais adequada do ser é a hermenêutica e que esta se configura como “determinada unidade na realização [...] do comunicar, ou seja, da interpretação da faticidade que conduz ao encontro, visão, maneira e conceito de faticidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 21).

Cabe lembrar, contudo, que a hermenêutica não consiste em um método de estudo do ser, é, antes de mais nada, um modo de compreender o ser que, por seu caráter interpretativo e comunicativo, corresponde à faticidade da estrutura ontológica.

Heidegger ainda vincula, eficazmente, hermenêutica e existência. Ele mostra que a compreensão hermenêutica tem por objetivo “um conhecer existencial” (HEIDEGGER, 2012, p. 24). Em outras palavras, o filósofo defende que o processo hermenêutico, no seu próprio estruturar-se, constitui a existência, de modo que há uma relação fundamental entre o *compreender* e o *existir*.

Esta ligação entre compreensão e existência, como é notório, só se torna evidente no homem através dele e para ele. O homem é o único ser que tem consciência da faticidade, consciência de si próprio e das coisas que o circundam. Não por acaso, esse tema ocupará um capítulo inteiro da obra em tela, no qual o filósofo mostrará que o conceito de ser-aí aplica-se ao

homem mais adequadamente do que os conceitos antropológicos tradicionais.

O homem, enquanto ser-aí, percebe-se como “ser” circundado por um conjunto de entes. Enquanto o homem reflete sobre esta *situação*, ser circundado pelo mundo, torna-se consciente de que ele é (existe) como ser-no-mundo. Nesse mundo ele busca uma certa familiaridade com as coisas que definem a sua “segurança objetiva”. É assim que o homem constrói a significância das coisas. Por significância, Heidegger entende “o como isto ou aquilo aparece e o como que vem ao encontro” (HEIDEGGER, 2012, p. 91). Tal significância expressa a possibilidade de uma divisão que o autor proporá mais adiante entre “coisas naturais e coisas de valor” (HEIDEGGER, 2012, p. 94).

A hermenêutica, compreendida enquanto hermenêutica da faticidade torna-se, antes de mais nada, um constituinte existencial do homem. Se na antiguidade o termo hermenêutica estava ligado apenas à interpretação, ou seja, era definida apenas enquanto método, em Heidegger o termo ganha status de variável antropológica.

Esse caráter “fático” da hermenêutica está em íntima relação com o caráter “existencial” do ser-aí e é esta simbiose que permite ao homem conhecer os entes mundanos e interpretá-los. Resultado: o conhecimento dos entes não é apenas interpretação dos fatos, mas o resultado, expressão da compreensão e familiaridade que o ser-aí estabelece com o mundo. Essa relação, como prevenção da angústia, torna-se visível através de uma certa familiaridade entre o homem, o mundo e os entes intramundanos.

4 Conclusão

Em toda a obra de Heidegger é notória a importância e o espaço concedido ao tema da hermenêutica. Buscando dar uma nova forma à ontologia, seu esforço resultou em uma nova acepção, quiçá mais adequada do ser e do fenômeno compreensivo. A hermenêutica, justamente pelo seu caráter de abertura à faticidade, permite superar o positivismo científico e

ao mesmo tempo remontar à centralidade do homem enquanto ser que se compreende, através da linguagem. Heidegger, anterior às formulações gadamerianas, foi o primeiro filósofo a esboçar, de forma definitiva, o ser do homem como ser que se descobre a si mesmo, no processo de compreensão do mundo, através da familiaridade e diferença com os entes intramundanos.

A centralidade desse opúsculo, fruto da preleção do semestre de verão de 1923, uma das últimas preleções de Friburgo, é afirmar algo sobre compreensão, sobre construção do conhecimento, após a crítica nietzschiana que, aparentemente, instaurou um niilismo epistemológico. Ao escancarar o caráter metafórico do conhecimento humano, Nietzsche permitirá a Heidegger traçar os novos rumos da hermenêutica enquanto compreensão do homem como ser que só se compreende ao interpretar, ou seja, o conhecimento humano é interpretativo-existencial.

Percorrendo, mesmo que de modo sumário, o pensamento desses dois filósofos observa-se que a hermenêutica encontra, na filosofia contemporânea, um amplo espaço de aplicação através do caráter antropológico da descoberta científica sobre o mundo proporcional à descoberta do homem enquanto ser capaz de descobrir-se ao descobrir o mundo.

Referências

CASA NOVA, M. A. Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo. **Cadernos Nietzsche**, n. 10, 2001, p. 27-47.

HEIDEGGER, M. **Ontologia**: hermenêutica da faticidade. Petrópolis: Vozes, 2012. (Coleção textos filosóficos).

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira num sentido extra-moral**. São Paulo: Hedra, 2007.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa: edições 70, 1996.

SANTOS, J. S. Do texto à vida: o despontar da abordagem hermenêutica na filosofia. **Revista Pandora Brasil**, n. 40, Março de 2012. p. 114-128.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Para além da interpretação**: o significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

